



Parentes e amigos de Di assistem à encomendação do corpo

SEPULTADO ONTEM O MAIS FAMOSO PINTOR DO BRASIL

Cercado pelo carinho de muitos companheiros da velha-guarda da boémia carioca, mas com a presença de poucos pintores, o pintor Emiliano Di Cavalcanti, falecido na véspera, vítima de forte crise hepática, foi sepultado às 16h10min de ontem, na aléa 3, carneiro 19.286-A, do Cemitério de São João Batista.

O corpo foi encomendado pelo Padre João Voguer e entre as muitas coroas destacavam-se as do Embaixador do Brasil em Paris, Delfim Neto, do Museu de Arte Moderna, e do Ministro Nei Braga.

OPINIÕES

Durante o sepultamento, diversas pessoas falaram sobre a personalidade de Di Cavalcanti.

«Fui moleque em São Cristóvão, juntamente com Di, por volta de 1911», disse o Marechal Cordeiro de Farias, que depois contou uma passagem pitoresca da vida do pintor, ocorrida em Paris.

«Me afastei um pouco dele e voltamos a nos encontrar em Paris, na época da II Guerra Mundial. Di era, então, locutor de uma agência de notícias. Certa vez, começou assim uma transmissão: «Não gosto de guerra, não tenho nada contra os alemães, o que estou fazendo aqui, afinal?».

O compositor e boêmio Bororó, outro grande amigo de Di, deixou o seguinte verso no livro de presenças: «Na Lapa do meu tempo/o Di com o Jaime Ovalle à noite inteira/a tela dando o braço ao violão/ouvindo os versos de Manuel Bandeira/no beco onde nascia a inspiração».

O Embaixador Pascoal Carlos Magno foi outro a falar.

«Conheci Di há muito tempo e embora não tivesse muita afinidade boémia com ele, eramos muito amigos. Graças a ele pude introduzir o teatro estudantil em São Paulo. Eu tinha um dos quadros mais famosos de Di. Certa vez, determinado médico (não revelou o nome) que já tinha operado diversas pessoas de minha família sem receber nada, foi solicitado por mim a apresentar a conta. Quando viu o quadro na parede de

minha sala, respondeu: «não quero dinheiro, quero apenas que você deixe em testamento esse quadro para mim». Respondi-lhe: «como não pretendo morrer tão cedo, pode levar o quadro agora. Resposta do médico: «nunca fui tão bem pago por tão pouco».

JFG

O jornalista e crítico JFG disse que vai se encarregar de pesquisar junto à direção do Teatro João Caetano sobre que fim levaram dois enormes painéis de Di Cavalcanti colocados nas paredes laterais em 1929 e que foram retirados durante o Estado Novo. «Creio que aquelas verdadeiras maravilhas de arte devem estar apodrecendo nos porões do teatro».

O cartunista Alvarus afirmou:

«Ninguém viveu mais intensamente a vida como homem e como artista como Di Cavalcanti. As pessoas que não o conheciam bem achavam-no tempestuoso, mas suas tempestades não passavam de gotas de água.

O acadêmico e jornalista Odilo Costa, filho, afirmou:

«O Brasil perdeu a maior antívocação ao academicismo. Di era excelente poeta, grande artista, mas não tinha afinidade com o fardão. Jamais a Academia Brasileira de Letras terá um ex-futuro candidato tão famoso».

Glauber Rocha, cineasta:

«Conheci Di na Bahia e graças a ele tive a coragem de iniciar o cinema novo no Brasil. Fiz um documentário sobre sua vida, coisa que caberia às autoridades, que doarei ao Museu de Arte Moderna».

Maestro Eleazar de Carvalho:

«Di é uma das respostas da cultura brasileira que mais contribuiu para elevar o ceito de nossa arte no exterior. A música erudita não poderia, assim, deixar de lhe prestar uma última homenagem».

PRESENCAS

Compareceram ainda Hélio Peregrino, Austregésilo de Ataíde, Hélio Silva, Tônia Carrero, Miguel Moura, João Condé, Luís Jardim, Diná Silveira de Queirós, Murilo Melo Filho, Edmar Morel e Oscar Niemeir.